

EPÊNTESE VOCÁLICA NA ESCRITA: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA

Claudiane Costa da SILVA
Universidade Estadual da Paraíba
claudiane_csilva@hotmail.com

André Pedro da SILVA
Universidade Federal Rural do Pernambuco
pedroufpb@gmail.com

Resumo: A epêntese vocálica é um fenômeno típico da linguagem oral, geralmente representado na escrita, durante a fase de sua aquisição. Após esse período, a representação gráfica deste fenômeno linguístico é considerada um “erro” ortográfico. No entanto, segundo a Sociolinguística Laboviana, o estudo das variantes linguísticas devem ser quantificados e relacionados com as variáveis extralinguísticas, a fim de identificar os fatores envolvidos na variação de fenômenos linguísticos. Este trabalho teve como objetivo verificar a influência de variantes extralinguísticas sobre a variação linguística no fenômeno fonético-fonológico da ocorrência da epêntese vocálica na escrita. Para isto, esta pesquisa adotou uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, sendo este estudo experimental e transversal. O *corpus* foi constituído por 60 alunos de Ensino Fundamental e Médio, com idade entre 9 e 17 anos. Os resultados demonstraram haver influência das variantes extralinguísticas (sexo, grau de escolaridade e grau de familiaridade com as palavras.) sobre a ocorrência do fenômeno-alvo. A partir da realização deste estudo, houve uma melhor compreensão dos processos envolvidos na ocorrência gráfica do fenômeno fonético-fonológico, visto que esse fenômeno apenas havia sido analisado na sua modalidade oral, sendo este estudo piloto na análise da ocorrência gráfica da epêntese vocálica.

Palavras-chave: Sociolinguística; Fonologia; Epêntese vocálica; Escrita.

1 Introdução

A epêntese vocálica é um fenômeno que ocorre na fala a partir da inserção de uma vogal entre as consoantes. Esse fenômeno não possui representatividade na escrita, o que acarreta na produção de *letras mudas*. Entretanto, como o português é uma língua com padrão vocálico para as sílabas, não é permitida a construção de sílabas consonantais havendo por isso a necessidade da inserção da vogal epentética.

Devido à relação existente entre as modalidades escrita e oral da linguagem, é frequente que no período de aquisição da escrita haja um espelhamento na oralidade e a inserção vocálica por epêntese seja representada graficamente na escrita.

Para Stubbs (2002, p. 136) o período de apropriação da linguagem escrita consiste em uma série de transições relacionadas e que não ocorreram ao mesmo tempo, dentre as possíveis transições citadas pelo autor estão as do não-padrão para o padrão e do informal para o formal.

A partir dos estudos sociolinguísticos, busca-se explicar as variações linguísticas como constitutivas da natureza da língua e não como acontecimentos alheios a ela, o objetivo principal deste estudo consiste em verificar a influência de fatores extralinguísticos sobre a variação linguística no fenômeno fonético-fonológico da ocorrência da epêntese vocálica na escrita.

Adotou-se como instrumento de análise para este fim a proposta da Sociolinguística Quantitativa, ou Sociolinguística Laboviana, na qual o estudo das *variáveis linguísticas* são quantificados e posteriormente relacionados às *variantes extralinguísticas*.

Como objetivos específicos foram propostos:

- investigar a ocorrência ou não da epêntese vocálica na escrita de alunos do Ensino Fundamental e Médio;
- relacionar a ocorrência da epêntese vocálica com fatores extralinguísticos (sexo, grau de escolaridade e familiaridade com as palavras utilizadas);
- promover uma melhor compreensão da epêntese vocálica na escrita e os fatores influenciadores deste fenômeno

A justificativa desta pesquisa está baseada no fato de que, embora nos últimos anos vários estudos tenham sido realizados no intuito de aprofundar os conhecimentos acerca do fenômeno epentético, grande parte dessas pesquisas tenham abordado o fenômeno de epêntese na produção da fala.

O presente estudo, no entanto, traz um enfoque diferenciado, por observar esse fenômeno em sua possível realização na escrita de escolares e analisar esses resultados sob uma perspectiva sociolinguística.

2 Fundamentação Teórica

Aqui, dividiu-se o aporte teórico em dois momentos: o primeiro referente ao fenômeno da epêntese vocálica; e o segundo, à sociolinguística variacionista. Embora separados os subcapítulos, ambos têm o mesmo objetivo: apresentar definições e descrições acerca dos temas propostos.

2.1 Epêntese Vocálica

Para haja um melhor entendimento desse assunto será colocado a seguir algumas das principais definições sobre este fenômeno fonético-fonológico tão frequente, embora terminologia não seja tão usual.

A epêntese vocálica pode ser definida como um fenômeno de acréscimo/inserção de uma vogal ou de uma consoante em uma sílaba, não representada na escrita. Podendo ser classificada em consonantal e/ou vocálica a partir dos segmentos inseridos nas palavras (MENDONÇA, 2003, p. 32; REDMER, 2007, p. 14).

A epêntese, para Coutinho (2005), é definida como sendo o acréscimo de um fonema no interior da palavra, classificado como um metaplasmo por aumento, tomando o metaplasmo como sendo as modificações fonéticas sofridas pelas palavras durante sua evolução.

Este mesmo autor apresenta dois outros tipos de epêntese: a *anaptixe* ou *suarabácti*, que é considerada uma epêntese especial por consistir em desfazer um grupo consonantal pela intercalação de uma vogal; e a *paragogi* ou *epítese*, que é a adição de um fonema no fim do vocábulo.

De acordo com Cagliari (1998, p. 75), a epêntese vocálica tem como objetivo principal corrigir uma estrutura silábica mal formada, fazendo com que certas consoantes que ocupavam a posição de *coda* passem-na para a posição de *onset*, dando um núcleo vocálico a uma sílaba que não o tem ou formando ditongos. Alguns autores assumem essa postura como discutível, pois a palavra “corrigir” remete a existência de “erros” na língua em questão.

A epêntese vocálica é vista também como colaboradora para uma maior estabilidade dos intervalos consonânticos e vocálicos (FROTA, VIGÁRIO, 2000, p. 09).

Já Câmara Jr. (2007, p. 58) afirma que o português, como praticamente todas as línguas, apresenta a vogal como centro silábico. Um dos problemas para a fixação das estruturas silábicas portuguesas se refere aos vocábulos de origem *erudita*, como *compacto*, *apto*, *ritmo*, *afeta*. Para essas palavras, admite-se uma vogal para a formação de uma nova sílaba (Português Brasileiro, doravante PB) ou essa posição pode permanecer neutra (Português de Portugal, a partir de agora PP).

A estrutura silábica do PB é apoiada na vogal, sendo inexistente sílaba sem vogal. No entanto, de acordo com as normas gramaticais, pode haver a ocorrência de *letras mudas*. É exatamente nesses casos que pode ser verificada a tendência natural, da nossa língua, de rejeição a esse tipo de estrutura, pois essas *letras mudas* (sempre consoantes) passam a soar, gerando uma nova sílaba, sustentadas pelo apoio vocálico a essa *letra muda*. Fenômeno esse caracterizador da epêntese vocálica.

Collischonn (2004, p. 61) afirma que esse tipo de epêntese, para palavras como fixo ['fikisu], admiro [adi'miru] e digno ['diginu] é específica da variedade brasileira do português, pois no PP não há introdução de vogal epentética para desfazer sequências como as que foram listadas acima, conforme afirmou Câmara Jr. (2007, p. 58).

Outros estudiosos tem se dedicado ao estudo da epêntese sob outras perspectivas. Parlato-Oliveira (2007, p. 152) refere-se, em seus estudos, a existência da epêntese perceptual, descrito por essa autora como sendo um fenômeno versado sobre os aspectos presentes na produção fonética e que exerce um efeito ilusório sobre a percepção do interlocutor.

Há ainda estudos existentes acerca da epêntese vocálica e sua realização na interlíngua a partir da observação deste fenômeno durante a aquisição de uma segunda língua, sendo a língua-mãe destes o PB.

Alves (2009) analisou o fenômeno epentético na interlíngua inglês-português, a partir da ocorrência da epêntese vocálica nas plosivas finais em palavras em inglês, considerando um falante pleno do sistema do inglês apenas o indivíduo que apresentasse 0% de epêntese na situação observada.

Já Fernandes (1998) descreveu e analisou a ocorrência da epêntese vocálica na interfonologia português/inglês, em alunos brasileiros aprendizes de inglês como língua estrangeira. A partir desse estudo ficou evidenciado que o emprego da epêntese na interlíngua é um fenômeno variável, basicamente condicionado por fatores linguísticos, sendo nesse estudo o molde silábico o fator determinante para a aplicação da regra de epêntese.

A partir dessa inserção no contexto teórico sobre a epêntese vocálica pode-se contemplar a sua abrangência e complexidade, para que assim haja um entendimento mais claro e coerente à medida que as considerações a seguir forem apresentadas.

2.2 Teoria da Sociolinguística Variacionista

A linguagem humana compreende dois aspectos fundamentais: a língua e a fala. O primeiro é um produto social compartilhado pela totalidade dos membros de uma comunidade linguística. A fala por sua vez é um ato individual e que representa a realização concreta da língua num dado momento e lugar determinado (SAUSSURE, 1995).

A partir da primeira descrição de língua como o produto social, publicada a partir dos estudos de Saussure pressupõe-se a ideia errônea de que esse conhecimento já vem sendo descrito desde os primórdios dos estudos linguísticos. No entanto, a escolha de Saussure por estudar a *langue* (o sistema em si) e não a *parole* (o ato da fala), produz um distanciamento

entre linguagem e sociedade, inclinando seus estudos aos fatos estruturais que organizam o sistema linguístico sem considerar os fatores sociais.

Meillet, discípulo de Saussure, afastou-se das ideias deste por tentar abranger em seus estudos a língua, simultaneamente, como um fato social e como um sistema tudo contém, o que o tornou de alguma forma como um precursor do que é conhecido como Sociolinguística.

A partir da consideração do caráter social da linguagem, a sociolinguística surgiu como uma área capaz de estudar a linguagem em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística (CEZARIO & VOTRE, 2008, p. 141).

O objetivo da Sociolinguística é então sistematizar a variação existente na linguagem considerando a língua como um sistema heterogêneo e dinâmico, devendo as regras que regem a língua abranger a variação das formas (ORLANDI, 2009, p. 49).

Com os avanços teóricos dos últimos anos, principalmente na década de sessenta, surgiu a Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, embasada nas propostas de Weinreich, Labov e Herzog, que tinha por objetivo descrever a língua, relacionada aos determinantes sociais e linguísticos, considerando as variações de seus usos (Cf. HORA, 2004, p. 17-18).

Nos preceitos da Teoria da Variação enfatiza-se a variabilidade, há uma busca pela explicação das mudanças linguísticas em função de fatores linguísticos e sociais a partir do levantamento cuidadoso de registro da língua, descrição das variáveis, perfil das variantes, análise dos fatores condicionantes, encaixamento da variável nos sistemas linguístico e social, e, avaliação da variável para confirmação dos casos de variação ou mudança.

A partir da concepção de variação como pertencente ao sistema linguístico, há uma mudança de perspectiva do que deveria ser considerado como “erro”, no contexto linguístico, não existindo mais tal conceito, do ponto de vista exclusivamente científico. O que podem haver, então, são variações, que não podem ser consideradas um “acidente de percurso”, mas sim constitutivas da natureza da língua (Cf. BAGNO, 2002, p. 71-72).

Algumas dessas variações, que acometem a fala, podem ser transpostas para a escrita e toleradas até certo período, como partes do processo de aquisição da linguagem escrita. Segundo Stubbs (2002, p. 136), quando as crianças adquirem competência em língua escrita elas não fazem uma simples transcrição da fala para a escrita, mas sim uma série de transições relacionadas e que não ocorreram ao mesmo tempo, dentre as possíveis transições citadas pelo autor estão as do não-padrão para o padrão e do informal para o formal.

A aprendizagem da escrita é, portanto, processual, no início da escolarização a criança embasa-se na relação fala/escrita e tende a escrever como fala, pois aprende que nosso sistema é alfabético e que escrevemos uma letra para cada som falado, no entanto, essa escrita como transcrição fonética não é real considerando que existe uma normatização ortográfica e a arbitrariedade presente na representação gráfica das palavras (Cf. BRITO, 2007, p. 4).

3 Procedimentos Metodológicos

O presente trabalho investigou a ocorrência gráfica da Epêntese Vocálica na escrita de estudantes de Ensino Fundamental (6º e 9º ano) e Médio (3º ano), em escola regular e com faixa etária de 9 e 17 anos, de ambos os sexos.

A opção metodológica para o trabalho foi uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, sendo este estudo experimental e transversal, através do levantamento dos dados em campo.

Para a efetivação deste estudo foi realizado inicialmente uma pesquisa bibliográfica sobre a o fenômeno epentético, com ênfase na sua manifestação vocálica e em uma visão

panorâmica dos estudos atuais sobre ele, assim como a respeito da Teoria Sociolinguística ou Variacionista com o intuito de subsidiar teoricamente esta pesquisa.

Em seguida, manteve-se o contato com a escola, na pessoa do diretor desta, a fim de explicar os objetivos e procedimentos da pesquisa e conseguir a autorização para a realização da pesquisa. Após a autorização do responsável pela escola e dos professores das turmas de 6º e 9º Ano do Ensino Fundamental e do 3º Ano do Ensino Médio, seguiu-se a realização do ditado de palavras com os alunos.

3.1 Caracterização dos informantes

A população da pesquisa foi composta por alunos devidamente matriculados em uma escola de ensino regular com turmas de ensino fundamental e médio, no município de Guarabira-PB. A seleção da amostra foi realizada aleatoriamente contendo a mesma quantidade de sujeitos de ambos os sexos para a posterior comparação de dados.

A coleta de dados se deu a partir da seleção de alunos de uma mesma série, de acordo com a seguinte ordem: vinte (20) alunos de cada turma, dos quais dez (10) eram do sexo masculino e dez (10) do feminino, contabilizando um total de sessenta (60) alunos, como informantes da pesquisa.

O único critério de inclusão adotado foi a proximidade entre as faixas etárias por turma, a fim de evitar disparidade entre a caracterização dos sujeitos por turma e possibilitar uma maior fidedignidade dessa representação. Os alunos do 6º ano possuíam idade entre 9 e 11 anos; os do 9º ano, idade entre 13 e 15 anos; e os alunos do 3º ano, entre 15 e 17 anos.

3.2 Caracterização do local da pesquisa

A pesquisa foi realizada no Colégio Santo Antônio/GEO, na cidade de Guarabira-PB, localizada na Rua José da Cunha Rego, 44 - Centro. CEP: 58200-000.

A referida escola é uma instituição particular de ensino regular e abrange turmas de Ensino Fundamental e Médio. Atualmente, possui aproximadamente 800 alunos, com horário de funcionamento nos três turnos de segunda a sexta-feira. Possuindo como diretor responsável em exercício o professor José de Neves Brito.

O município de Guarabira-PB foi escolhido para a realização da pesquisa devido a sua importância regional. Cidade localizada na mesorregião do agreste paraibano, com cerca de 60 mil habitantes, possui posição geográfica invejável por polarizar mais de 30 cidades. É chamada de Rainha do Brejo, pelo fato de ser a principal cidade-polo de uma região que se caracteriza pela regularidade de chuvas.

Guarabira é o centro comercial, industrial e educacional da região. Sua área no âmbito da educação alcança alunos do Ensino Fundamental até Pós-graduação em Ensino Superior, atraindo estudantes das cidades circunvizinhas e de todo o estado da Paraíba.

O turismo religioso também é um ponto forte da cidade e atrai milhares de pessoas anualmente para visitação do Memorial Frei Damião, Festa da Luz e os Caminhos de Padre Ibiapina.

3.3 Caracterização dos dados

A coleta dos dados foi realizada por meio de um ditado de palavras, constituído por palavras previamente selecionadas, com o intuito de verificar a ocorrência ou não do

fenômeno analisado. O ditado constava de 20 palavras, das quais 10 foram consideradas usuais (palavras dadas) e 10 consideradas não-usuais (palavras novas).

A epêntese descrita nesta pesquisa é a que surge na fala no PB como necessidade e exigência da vogal para a formação de sílabas no português (1a) e não como processo fonológico (1b), conforme descrita por Redmer (2007, p. 99), em que crianças na fase de aquisição de linguagem utilizam a epêntese como forma de evitar estruturas sintáticas complexas, como CCV e CVC.

(1)

a. [p^hnew] → [pi^hnew]

b. [.,plaka] → [pa^hlaka]

De acordo com Collischonn (2004, p. 64), as palavras selecionadas para o ditado envolvem apenas aquelas formas em que não há representação ortográfica para a vogal epentética, como *advogado*, *objeto*. No entanto, foram excluídos os casos de consoantes finais (*varig*, *bug*), pois segundo essa autora a frequência da epêntese vocálica nessa posição chega a ser categórica, o que pode chegar a influenciar nos resultados sobre a variação.

Por motivo semelhante, também não foram consideradas nesta análise casos como *submarino*, *sub-diretora*, *subdivisão*, por existir a suspeita de que o prefixo atue como palavra fonológica independente e, nesse caso, a consoante perdida /b/ estaria em final de palavra, ou seja, o mesmo contexto dos casos excluídos pelas considerações do parágrafo acima (Cf. COLLISCHONN, 2004; SCHENEIDER, SCHWINDT, 2010).

3.4 Delimitação das variáveis

Foi considerada como variável dependente para este estudo a presença ou não da representação gráfica da epêntese vocálica nas palavras do ditado. Para as variáveis independentes foram considerados os seguintes fatores extralinguísticos: sexo, escolaridade e familiaridade com as palavras do ditado.

4 Análise e Discussão dos Dados

Após a coleta de dados, por meio da realização do ditado de palavras, foi verificada a presença/ausência da variável dependente (representação gráfica para a epêntese vocálica). Posteriormente, houve a análise dos dados a partir da relação da variável dependente com as variáveis independentes – sexo, grau de escolaridade e grau de familiaridade com as palavras.

A contabilização dos dados foi efetuada a partir dos valores absolutos que foram transformados em médias aritméticas e posteriormente em valores percentuais. Esses dados também foram notificados e demonstrados por tabelas e gráficos a fim de facilitar a visualização e compreensão dos resultados encontrados.

A análise dos dados foi baseada na proposta da Sociolinguística Quantitativa, na qual o estudo da *variante linguística* deve ser quantificado e relacionado com as *variáveis extralinguísticas*.

4.1 Variável Sexo

Na tabela 1 estão dispostas as frequências da epêntese vocálica na escrita dos alunos das séries pesquisadas (6º ano, 9º ano e 3º ano) e sua distribuição em relação à variável sexo.

Tabela 1
Epêntese Vocálica em alunos do 6º Ano, 9º Ano e 3º Ano em relação ao *Sexo*

Presença de epêntese	Média de palavras por aluno	Percentual
Sexo masculino (6º Ano)	12,4	62%
Sexo feminino (6º Ano)	9,3	46,5%
Sexo masculino (9º Ano)	5,8	29%
Sexo feminino (9º Ano)	4,8	24%
Sexo masculino (3º Ano)	4,1	20,5%
Sexo feminino (3º Ano)	3,1	15,5%

Fonte: Pesquisa direta

Como se pode ver na tabela acima, a maior ocorrência da epêntese vocálica se dá com os informantes de sexo *masculino*. Na turma de 6º Ano do Ensino Fundamental, os informantes do sexo masculino obtiveram ocorrência de epêntese vocálica em 62% das palavras, o que representa uma média de 12,4 palavras para cada indivíduo desse sexo, dentre as 20 palavras do ditado.

Já para os informantes do sexo *feminino*, nesta mesma turma, a prevalência da epêntese foi de 46,5%, equivalendo a uma média de 9,3 palavras por indivíduo, dentre as 20 palavras contidas no ditado.

Para os alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, a Tabela 1 confirma os resultados do 6º Ano, demonstrando uma superioridade numérica para a ocorrência da epêntese vocálica em indivíduos do sexo *masculino*, com média de 5,8 palavras por sujeito desse sexo e frequência de 29%.

Já no sexo *feminino*, para os alunos do 9º Ano, a frequência verificada foi de 24% de ocorrência de epêntese na escrita, como média aritmética de 4,8 palavras por aluna.

Ainda na Tabela 1, estão descritas as frequências de epêntese em relação à variável *sexo* para os alunos do 3º Ano e a tendência dos resultados para as séries anteriores é respeitada, ou seja, a prevalência do fenômeno analisado para indivíduos do sexo *masculino* é superior a dos indivíduos do sexo *feminino*. Com média de 4,1 palavras, ou seja, 20,5% para o sexo *masculino*, e, média de 3,1 palavras, representando 15,5% para o sexo *feminino*.

No gráfico descrito a seguir, pode-se observar com maior clareza o predomínio da ocorrência do fenômeno em estudo para indivíduos do sexo *masculino* (em todos os níveis de escolaridade aqui trabalhados), sendo visível o traçado crescente a partir da média global da turma para a média dos indivíduos do sexo masculino; e o declínio deste traçado, em relação ao sexo feminino.

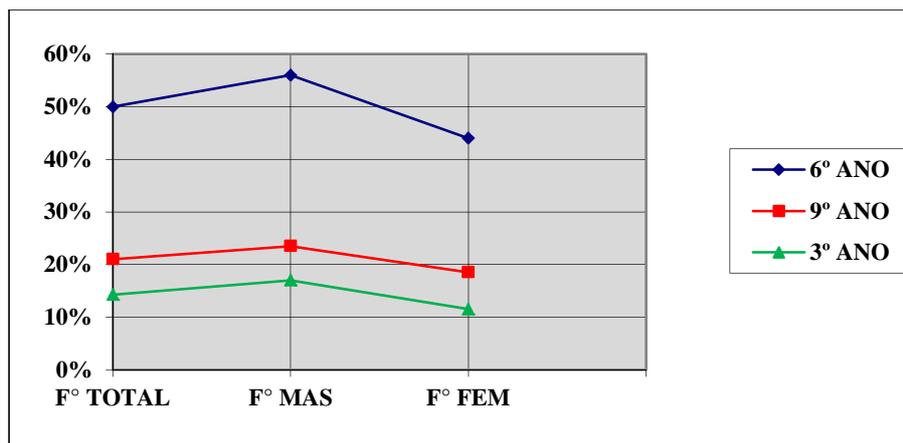


GRÁFICO 1 – Ocorrência da epêntese vocálica na escrita das turmas de 6º e 9º Anos do Ensino Fundamental e 3º Ano do Ensino Médio com relação à distribuição por sexo

A partir da leitura deste gráfico, tanto a partir da Tabela e do Gráfico 1, verificou-se que a ocorrência da representação gráfica da *epêntese vocálica* foi maior recorrente com os indivíduos do sexo *masculino* em todas as turmas pesquisadas.

Essa discrepância entre os sexos já vem sendo descrita na literatura, na qual é afirmada a tendência dos sujeitos do sexo feminino utilizarem a forma padrão, quando em relação aos sujeitos do sexo masculino, havendo diferenças referentes à forma, ao tema, ao conteúdo e ao uso da fala entre os sexos (HAAS, 1979, p. 616).

Labov (1990, p. 205) aponta dois princípios básicos na discussão da variável sexo: o primeiro afirma que o sexo masculino opta mais pela forma não-padrão que as mulheres, em uma estratificação sociolinguística estável; já o segundo defende que o feminino é o principal responsável pela maioria dos processos de mudança linguística, a partir do uso de formas inovadoras.

No estudo desenvolvido por Collischonn (2003, p. 23) sobre a epêntese vocálica no português do sul do Brasil, não foi constatada diferença considerável entre os sexos, a partir das variáveis extralinguísticas. Mas vale lembrar que esta pesquisa fora baseada na fala (com dados do Banco VARSUL) e não na escrita, o que pode justificar a discrepância entre os resultados.

4.2 Variável Escolaridade

Encontra-se distribuída, na Tabela 2, a ocorrência gráfica da epêntese vocálica de acordo com o grau de escolaridade, deixando claro que com o aumento da escolaridade a frequência da epêntese diminuiu gradativamente, com percentuais de 54,5% para os alunos do 6º Ano; 26,5% para os alunos do 9º Ano, ambos do Ensino Fundamental, e 18% para os alunos do 3º Ano do Ensino Médio.

Tabela 2
Epêntese Vocálica em alunos do 6º ano, 9º ano e 3º ano em relação
à *Escolaridade*

Presença de epêntese	Média de palavras por aluno	Percentual
6º Ano	10,9	54,24%
9º Ano	5,3	26,5%
3º Ano	3,6	18%

Fonte: Pesquisa direta

A tabela 2 apresenta uma diminuição da ocorrência do fenômeno em estudo de acordo com o aumento da escolaridade, para as frequências totais por *turma*.

Esta ocorrência da epêntese vocálica inversamente proporcional a escolaridade já havia sido descrita por Collischonn (2003, p. 22) e também confirmada e comentada por Schwindt et al (2007, p. 7) em seu estudo sobre a influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita.

No estudo desenvolvido por Collischonn (2003, p. 23) os dados foram obtidos em outra vertente, através da língua falada. No entanto, os resultados demonstrados pela autora evidenciaram consonância com o estudo atual, pois a frequência de ocorrência da epêntese vocálica diminuiu com o aumento da escolaridade. Pois segundo Collischonn (2003, p. 23) *quanto mais escolarizado o indivíduo, menor será sua taxa de realização de epêntese*, fato esse também verificado neste estudo, conforme pode ser constatado na acima apresentada.

4.3 Variável Grau de Familiaridade com as Palavras

No gráfico que segue, foram dispostos os resultados para a ocorrência gráfica da epêntese vocálica em relação à última variável analisada: a familiaridade com as palavras do ditado; através da quantificação da frequência para palavras consideradas usuais e para palavras tidas como não-usuais nas turmas-alvo.

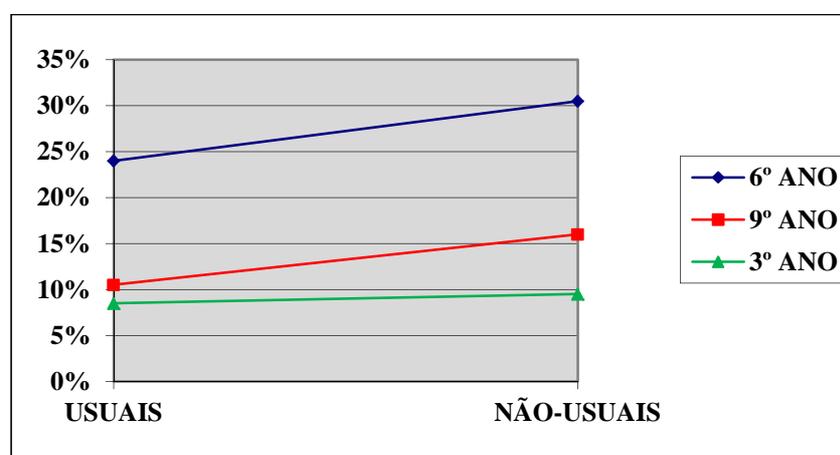


GRÁFICO 2 – Ocorrência da epêntese vocálica na escrita das turmas de 6º e 9º Anos do Ensino Fundamental e 3º Ano do Ensino Médio com relação à familiaridade das palavras

A partir da visualização do Gráfico 2, é notório o aumento da frequência da epêntese vocálica para palavras não-usuais, quando comparadas às palavras usuais. Na Tabela 3, descrita a seguir, estão dispostas as médias de frequências de cada turma detalhadamente assim como as porcentagens para palavras usuais e não-usuais.

Tabela 3
Epêntese Vocálica em alunos do 6º ano, 9º ano e 3º ano em relação
à *Familiaridade das Palavras*

Presença de epêntese	Média de palavras por aluno	Percentual
Palavras usuais (6º Ano)	4,8	24%
Palavras não-usuais (6º Ano)	6,1	30,5%
Palavras usuais (9º Ano)	2,1	10,5%
Palavras não-usuais (9º Ano)	3,2	16%
Palavras usuais (3º Ano)	1,7	8,5%
Palavras não-usuais (3º Ano)	1,9	9,5%

Fonte: Pesquisa direta

Assim como o Gráfico 2, a Tabela 3 demonstra o aumento de frequência da epêntese vocálica na escrita de palavras não-usuais. Esse aumento é justificável por essas palavras ainda estarem em processo de aprendizado, havendo uma generalização do padrão que pede a inserção de uma vogal para formação da sílaba que fora assim transcrita para a escrita.

Collischonn (2003, p. 22) confirma a influência da escrita na fala, visto que os sujeitos com maior grau de escolaridade apresentaram menor frequência para epêntese na fala. No nosso estudo, ficou notório também inverso, pois como nossos dados foram colhidos na forma escrita, houve um espelhamento na oralidade, principalmente para palavras não-usuais em que o padrão escrito das formas-alvo não é frequentemente tão disponível para todos.

A aprendizagem da escrita, como já foi comentada anteriormente, é processual. Havendo um embasamento fala/escrita no início da escolarização da criança, uma vez que esta é induzida a aprender um sistema linguístico totalmente alfabético, e que cada letra escrita corresponde a um som falado. No entanto, a escrita como transcrição fonética, não é real ao se considerar a existência de uma normatização ortográfica e a arbitrariedade presente na representação gráfica das palavras (BRITO, 2007, p. 4).

Este espelhamento da epêntese da oralidade para a escrita, acentuado nas palavras não-usuais, é característico do processo aquisitivo da escrita, no qual as crianças integram os seguimentos-alvo ao seu sistema, evoluindo de unidades consideradas não-marcadas, em direção ao que é estabelecido como marcado (REDMER, 2007, p. 7).

Foi possível também constatar, a partir da Tabela 3, que a diferença entre a ocorrência da epêntese vocálica para palavras usuais e não-usuais teve uma diminuição com o aumento da escolaridade, sendo:

- de 24% (usuais) para 30,5% (não-usuais) no 6º ano – diferença de 6,5%;
- de 10,5% (usuais) para 16% (não-usuais) no 9º ano – diferença de 5,5%; e
- de 8,5% (usuais) para 9,5% (não-usuais) no 3º ano – diferença de 1%.

Esses dados sugerem que, com o aumento da escolaridade, os alunos tendem a compreender melhor as regras que regem a grafia da epêntese, ou ainda que, com o aumento da escolaridade, aumente-se o léxico dos estudantes, os quais, conseqüentemente, terão maior número de palavras consideradas usuais sob seu domínio.

5 Considerações Finais

Ao final desta pesquisa, pode-se afirmar o cumprimento dos objetivos propostos, a partir dos resultados apresentados na sessão anterior. Com os resultados aqui obtidos, foi constatada a influência dos fatores extralinguísticos sobre o fenômeno da representação gráfica da epêntese vocálica, apontando haver uma maior incidência da realização deste fenômeno linguístico com os indivíduos do *sexo masculino*; com *menor grau de escolaridade*; e, com *menor familiaridade com as palavras* utilizadas no ditado.

Com relação à variável *sexo*, o nível de incidência gráfica para a epêntese vocálica foi claramente maior para os indivíduos do sexo masculino. Quando comparados aos casos já descritos na literatura existente, este estudo mostrou consonância com esses estudos, uma vez que se espera uma maior usualidade da forma não-padrão para indivíduos do sexo masculino e o inverso para o sexo feminino.

Em relação à variável *grau de escolaridade*, os resultados descritos na literatura também foram evidenciados, pois houve uma diminuição da ocorrência gráfica da epêntese vocálica proporcionalmente ao aumento do grau de escolaridade, sendo essa diminuição gradativa, conforme o aumento desse fator.

Para a variável *grau de familiaridade com as palavras*, os resultados desta pesquisa demonstraram que, quanto maior a familiaridade com a palavra, menor a probabilidade de variação da forma padrão. Esse fator foi justificável pelo processo da aquisição da linguagem, seja em sua forma oral ou escrita.

Deve-se também levar em consideração, ao fim desta pesquisa que, em alguns casos, a ocorrência da epêntese vocálica é tão frequente para algumas palavras que, como foi afirmado por alguns autores, aqui mencionados, essa ocorrência chega a ser considerada categórica na fala. Isto faz com que este alto índice de incidência para fala gere dúvidas quando ao uso ou não da vogal epentética na modalidade escrita. Comprovou-se este fato, durante a coleta de dados deste estudo; e principalmente a partir dos resultados obtidos, que demonstram alta incidência desse fenômeno fonético-fonológico, com ênfase ao se considerar os fatores extralinguísticos aqui observados.

Espera-se que este estudo tenha contribuído para os estudos já existentes e que a partir deste, outros sejam desenvolvidos, como forma complementar (envolvendo outras faixas etárias e escolaridades) e mais elucidativa, haja vista esta pesquisa, como anteriormente falada, ter sido realizada pioneiramente e sem muito aprofundamento, por se tratar de um estudo voltado para a realização de uma monografia de final de curso de especialização em Língua Portuguesa e Linguística.

6 Referências

ALVES, U. K. **A Epêntese Vocálica na Aquisição das Plosivas Finais do Inglês (L2): tratamento pela OT Estocástica e pela gramática harmônica.** II SIS-VOGAIS: Universidade Católica de Pelotas, 2009.

- BAGNO, M.. A Inevitável Travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. *In*: BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola editorial, 2002.
- BRITO, A. E. **Prática Pedagógica Alfabetizadora: a aquisição da língua escrita como processo sociocultural**. Revista Iberoamericana de Educación. Nº 44, p. 4 - 10, novembro de 2007.
- CAGLIARI, L.C. **Consoantes Epentéticas em Português**. DELTA. V. 14, 1998.
- CAMARA Jr, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COLLISCHONN, G. A epêntese vocálica no português do sul do Brasil. *In*: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- COLLISCHONN, G. **Epêntese Vocálica e Restrições de Acento no Português do Sul do Brasil**. Signum: Estud. Ling., Londrina, n. 7/1, p. 61-78, jun. 2004.
- COUTINHO, I. L. **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- FERNANDES, P. R. C. **A Epêntese Vocálica na Interfonologia Português/Inglês**. Linguagem & Ensino, vol. 1, Nº. 1, 1998, p. 151-156.
- FROTA, S.; VIGÁRIO, M. **Aspectos de Prosódia Comparada: ritmo e entonação no PE e no PB**. Braga: APL, 2000, p. 533-555.
- HAAS, A. **Male and Female Spoken Language Differences: stereotypes and evidence**. Psychological Bulletin. v. 86 (3). May, 1979, p. 616-626.
- HORA, D. da. **Teoria da Variação: trajetória de uma proposta**. *In*: HORA, D. da. (Org) **Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: 2004.
- LABOV, W. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *In*: **Language Variation and Change**. Philadelphia: Cambridge University Press: 1990, p. 205-254.
- MENDONÇA, C. S. I. **A Sílabas em Fonologia**. Working Papers em Linguística, UFSC, n.7. 2003, p. 30.
- ORLANDI, E. P. **O que é Linguística**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- PARLATO-OLIVEIRA, E. M. **Diversidade, Variabilidade e Frequência em Fonologia: o caso da epêntese vocálica**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n.3, Setembro de 2007, p. 151-168.
- PETTER, M. M. T. **Uma Hipótese Explicativa do Contato entre o Português e as Línguas Africanas**. Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares. n. 17, PAPIA: São Paulo, 2007, p. 09-19.
- REDMER, C. D. S. **Metátese e Epêntese na Aquisição da Fonologia do PB: uma análise com base na teoria da otimidade**. Dissertação (Mestrado em Letras). Pelotas, 2007.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SCHNEIDER, A.; SCHWINDT, L. C. **A Epêntese Vocálica Medial em PB e Na Aquisição de Inglês como LE: uma análise morfofonológica**. Letras de hoje, Porto Alegre, v. 45, n.1, p. 16-26, jan./mar. 2010.
- SCHWINDT, L. C. S.; QUADROS, E. S.; TOLEDO, E. E.; GONZALEZ, C.A. **A Influência da Variável Escolaridade em Fenômenos Fonológicos Variáveis: efeitos retroalimentares da escrita**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. Vol. 5, n.9, agosto de 2007.
- STUBBS, M. A língua na educação. *In*: BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola editorial, 2002.

